

Faz da tua obra um livro!

Make your artwork into a picture book!

SUSANA CONTINO*

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio 2016.

*Portugal, ilustradora, escritora e designer. Mestrado em Ensino das Artes Visuais, Universidade de Lisboa. Master of Arts — Performance Design and Practice, Central Saint-Martins College of Art and Design, University of the Arts, London. Licenciatura Design Gráfico, Universidade de Artes Visuais, Design e Marketing (IADE).

AFILIAÇÃO: Escola Os Aprendizizes, Laboratório do Conhecimento. Rua de Santana, 1696. Alto do Cobre, 2750-833 Cascais, Portugal. E-mail: susanacontino@osaprendizes.pt

Resumo: Foi desenvolvido um projeto sobre construção de livros. O projeto assentou na premissa de uma relação espontânea com a língua portuguesa através da materialização da aprendizagem formal do português na escrita informal. Ao nível da expressão artística desenvolveu a criatividade introduzindo a prática do livro de autor dando uma forma própria ao objecto livro fazendo dele uma peça de arte. **Palavras chave:** arte / autoria / conhecimentos / materialização / expressão-artística.

Abstract: *The project aims to encourage children to become authors - as writers, illustrators and product designers. Reinforces the knowledge gained in Portuguese subject through the development of an artistic project. Nevertheless, it makes one homage to the book itself and the relationship towards reading and writing. In order to develop artistic skills the project develops creativity, as well as, writing, plus music and theatre skills.* **Keywords:** *reinforce / art / author / skills.*

Introdução

No âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular nos anos lectivos de 2013-14 e 2015-16 foram desenvolvidos projetos sobre construção de livros com os alunos do 1º e 2º ciclo do ensino básico no entrosamento da Língua Portuguesa com disciplinas de Expressão Artística: expressão plástica, expressão musical e expressão dramática e E.V.T.. O projeto foi promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian com o seguinte slogan: *Escreve com as tuas palavras, ilustras com os teus desenhos, faz da tua obra um livro!* O grande objectivo consistiu na premissa de reunir diferentes aprendizagens num só projeto. As crianças foram conduzidas

à criação de narrativas numa aprendizagem informal da língua portuguesa. De seguida, as narrativas criadas foram materializadas em livros de acordo com as diferentes etapas do desenvolvimento dos respectivos anos escolares. Os conteúdos que interessaram ao projeto consistiram numa aprendizagem fluida e transversal onde o saber não é um ato isolado, mas antes um espelho de várias esferas consumado num objeto apenas.

1. Desenvolvimento

O projeto deu início com uma atividade jogo na desconstrução de histórias cujo objectivo consista em desbloquear a capacidade narrativa e o constrangimento da folha em branco. Nestes momentos foram permitidos erros ortográficos e problemas gramaticais em prol da criação de uma história. O grande foco nestes encontros consistiu em validar a capacidade inventiva da criança, bem como, legitimar a forma como a criança percebe o mundo que a rodeia e como o transforma. A atividade jogo foi conduzida por jogos de escrita criativa inspirados no livro "Gramática da Fantasia" do autor Gianni Rodari. De seguida, seguiu-se a parte formal do português onde os erros ortográficos e a gramática foram trabalhados num texto vivido, experienciado, isto é, um texto que era seu (criança), trazendo deste modo à criança o "sentido" e o "significado" da sua aprendizagem.

O conteúdo da escrita foi transversal às áreas de expressão artística para dar corpo à narrativa criada. Cada ano construiu a escrita em modo colectivo. A tradução da narrativa no objecto livro esteve intrinsecamente ligado à etapa do desenvolvimento das crianças. O 1º ano no primeiro período encontra-se nos primeiros passos da aprendizagem da leitura e da escrita e, como tal, tendo em consideração essa etapa, o livro consistiu num *audiobook*. A obra intitulou-se de "Rita Fininha e João Caramelo". O livro teve o contributo da expressão dramática na narração oral, bem como da expressão musical na sonoplastia da história criada. A obra "O Kiko e o Funil" do 2º ano por revelar alguns constrangimentos com a escrita formal o seu livro resultou num objecto à manivela assente numa narrativa visual, acompanhado de escrita e sonoplastia, uma vez mais, dinamizada pela expressão musical. O 2º ano do corrente ano lectivo teve como principal mote a representação de uma cena chave da história numa caixa onde as personagens se deslocavam e o livro representou a forma da personagem principal de nome V3X. O nome da obra é "Engenhoca e V3X". A obra "A lenda dos 100 anos" do 3º ano movido pelo seu interesse na tridimensionalidade quis que o seu livro representasse o espaço físico da história resultando num livro-maquete. A obra "A caixa mágica" do 4º ano construiu um livro mais

tradicional assente na escrita e no desenho porém, integrado numa caixa de luz representando desta forma uma cena-chave da história. A obra “Diário Amaldiçoado” do corrente 5º ano representou o livro com uma encadernação inspirada no universo asiático de modo a espelhar o ambiente da narrativa criada. Por fim, o 6º ano, apresentou a obra “A fuga da Princesa Lili”. Por apresentar alguns constrangimentos no desenho figurativo (académico) manifestou particular interesse na ilustração abstracta. Foram encorajados a representar o conceito em detrimento do concreto (significado), ou seja, uma abordagem conceptual em vez da tradução gráfica literal. Neste livro fizeram uso da técnica mista (colagem e pintura) para potenciar esta abordagem.

A metodologia aplicada em todas as turmas foi uma adaptação da metodologia projectual (Munari, 1981). Uma vez apuradas as necessidades na criação de cada livro, estas foram interpretadas como tarefas e distribuídas por pequenos grupos de trabalho. As tomadas de decisão foram coletivas e individuais em diferentes momentos. A tomada de decisão sobre as cenas a serem representadas consistiram numa tomada de decisão colectiva. As representações das cenas foram individuais. Já escolha da representação das personagens principais foi uma tomada de decisão colectiva pois surgiu a necessidade de trazer coesão gráfica na identidade da representação da personagem principal. Assim sendo, cada criança representou a personagem principal, de seguida, foram a votos e prevaleceu a representação mais votada. No decorrer da ilustração do livro nas cenas que exigiam a representação da personagem principal os alunos tinham em consideração o grafismo da personagem principal mais votada criada pelo seu par. Este episódio veio promover a autoestima e autoconfiança dos alunos cujos trabalhos foram votados. Os trabalhos escolhidos pertenciam a alunos de temperamento tímido com alguns rasgos de insegurança. Esta vivência foi igualmente interessante por contribuir na aprendizagem do desenho em alguns alunos com sinais de constrangimentos no aspecto formal do desenho. Verifico que na perspectiva do aluno quando acede ao desenho de um par como referencia revela ser mais eficiente na aprendizagem de pequenos aspectos no desenho da figura face à referência do grafismo do professor.

2. Aprendizagem através da experiência

À luz da formação sobre o ensino das artes visuais e a minha atual experiência profissional numa escola de ensino básico cujo modelo pedagógico segue a metodologia *High-Scope* (Aprendizagem Ativa), verifico que o projeto que foi desenvolvido toca nalguns aspectos que importa aqui refletir sobre a aprendizagem

através da experiência, tendo como principal foco, a metodologia *High-Scope*. A abordagem *High-Scope* foi um modelo que surge com a necessidade de trabalhar com as crianças "em risco" de bairros pobres em Ypsilanti, Michigan, nos Estados Unidos (Weikart, 1995). Este projeto foi iniciado por David P. Weikart, em 1970, para dar resposta ao insucesso persistente de alunos do Ensino Secundário provenientes de zonas desprestigiadas dos subúrbios. No entanto, foi mais tarde concluído que o insucesso escolar destes jovens estava relacionado diretamente com a inadequada preparação escolar que haviam tido ao longo do ensino básico (Weikart, 1995). Desta forma começou a ser debatido que o mais adequado seria atuar com o projeto *High-Scope* "Perry Preschool Project" (como foi inicialmente conhecido) desde logo a partir dos três, quatro anos nesta zona geográfica. Este modelo vem assim privilegiar duas características diferenciadoras face ao ensino tradicional: a primeira é que a criança deve estar ativamente envolvida na aprendizagem e construir o conhecimento a partir da interação com o mundo que a rodeia: com pessoas, materiais e ideias. O segundo assenta num papel ativo e respeitador dos adultos cuja premissa consiste no ensino e orientação das crianças na construção da sua própria compreensão do mundo. Este modelo tem subjacente valores e princípios pedagógicos que assentam em proporcionar à criança um ambiente físico estimulante para trabalhar e brincar, integrado numa rotina diária consistente que integre o processo de planear-fazer-rever, através de interações positivas entre adulto e criança. A avaliação diária da criança é baseada no trabalho de equipa e também consiste numa atividade cujo objectivo remete para a análise e compreensão da aprendizagem e da vivência da criança. Os princípios curriculares do modelo *High-Scope*, assentam na horizontalidade na interação adulto-criança, onde os adultos relacionam-se com as crianças não como chefes assumindo posições hierárquicas, mas como amigos e companheiros. Defende que os adultos devem apoiar as crianças nas suas atividades, encorajando-as a otimizar as suas próprias capacidades e a encontrar as soluções para os seus problemas. Em vez de punir e isolar, os adultos devem ajudar as crianças a discutir as situações com as quais são confrontados. Os conflitos são encarados como oportunidades que ajudam as crianças a desenvolver a sua socialização e a aperceberem-se do efeito das suas ações nos outros. Para o modelo da aprendizagem ativa, o ambiente físico da aprendizagem é de extrema importância. As crianças têm um desejo natural de perceber o mundo à sua volta e a metodologia da aprendizagem ativa visa estimular essa descoberta de forma espontânea e independente através duma preparação prévia do ambiente de aprendizagem. Os espaços são organizados em áreas temáticas e os materiais guardados e rotulados com símbolos

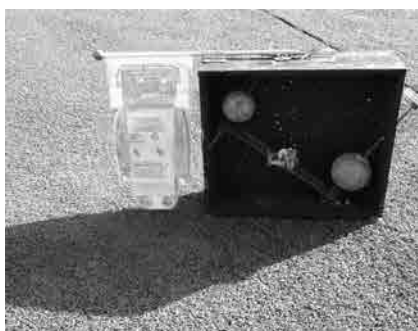


Figura 1 · Livro do 1º ano. Fonte: própria.

Figura 2 · Livro do 2º ano. Fonte: própria.

Figura 3 · Livro do 2º ano. Fonte: própria.

Figura 4 · Livro do 2º ano. (2015-16) Fonte: própria.

Figura 5 · Livro do 3º ano. (2015-16) Fonte: própria.



Figura 6 · Livro do 5º ano (2015-16) Fonte: própria.

Figura 7 · Livro do 5º ano (2015-16) Fonte: própria.

Figura 8 · Livro do 6º ano (2015-16) Fonte: própria.

Figura 9 · Livro do 6º ano (2015-16) Fonte: própria.

Figura 10 · Livro do 6º ano (2015-16) Fonte: própria.

perceptíveis, ficando totalmente acessíveis às crianças, com vista a serem usados autonomamente. O currículo *High-Scope* atribui uma grande importância ao planeamento estrutural da aprendizagem e à seleção dos materiais adequados. As crianças integradas num contexto de aprendizagem ativa, têm a oportunidade de realizar escolhas e tomar as suas próprias decisões. Estas diferentes áreas contêm materiais facilmente acessíveis que as crianças podem escolher para depois usarem conforme o que tinham planeado, levando assim a cabo as suas brincadeiras e jogos.

Porém, faço notar as notas de Hannah Arendth que levantam dúvidas sobre o paradigma das teorias modernas da educação no que respeita à horizontalidade na relação entre adulto e criança assentes no ensino e na aprendizagem. Para Arendth, a relação entre crianças e adultos, a formação dos professores e o pragmatismo em relação ao processo de ensino são abordados como algo que contribui para a precipitação da crise na educação. A emancipação das crianças frente à figura dos adultos acaba por sujeitá-la a autoridade mais “tirânica” do seu próprio grupo — excluindo as crianças do mundo adulto — o que teria conduzido a dois sentidos extremos: por um lado a um conformismo por parte das mesmas, por outro a delinquência (Arendth, 2011). Acresce-se, o fato da pedagogia ter se afastado das matérias específicas, do conhecimento técnico, àquilo que efetivamente deve ser ensinado. O que, segundo Hannah Arendt, a teria feito aproximar-se apenas de questões metodológicas o que acabou por refletir-se na formação precária dos professores que culminou no “abandono” dos estudantes “aos seus próprios recursos”. A crítica vai ao encontro de que cada vez mais o professor deixou de ser autoridade em termos de conhecimento técnico (Arendth, 2011).

Arendth destaca ainda que o entusiasmo pelo novo e pela igualdade como elemento intensificador da crise que, somado à aceitação servil e indiscriminada das teorias pedagógicas modernas, tornam a crise ainda mais aguda.

O erro das teorias pedagógicas tradicionais do passado via a criança como um pequeno adulto e a aprendizagem que lhes chegava tinha um carácter determinista e pouco transformador da sua existência (criança como sujeito) e do seu ambiente envolvente. Ora a entrega total dos conteúdos, da livre tomada de decisão da criança sobre os mesmos, bem como, da deslocação no espaço da aprendizagem ao serviço das necessidades da criança sem o vínculo do adulto é também vê-la como um pequeno adulto, abandonado aos seus próprios recursos.

Segundo Arendth, a educação moderna tenta estabelecer um mundo próprio das crianças, destruindo as condições necessárias para o seu desenvolvimento e crescimento. Porém, questiona que esse procedimento possa ser o

resultado da educação moderna, tanto mais que essa educação declara ter por único objectivo servir a criança e contestar contra os métodos do passado justamente por eles não tomarem na devida conta a natureza profunda e as necessidades da criança. Arendth, vê a criança como um ser que não conhece ainda o mundo, e devemos introduzi-la no mundo de forma gradual. Na medida em que a criança é nova, devemos zelar para que esse ser novo amadureça, inserindo-se no mundo tal como ele é. Os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade, mesmo quando, secreta ou abertamente, o desejam diferente do que é. Esta responsabilidade não é arbitrariamente imposta aos profissionais do ensino. Para Arendth, ela está implícita no facto de os jovens serem introduzidos pelos adultos num mundo em perpétua mudança. No caso da educação, a responsabilidade pelo mundo toma a forma da autoridade. A autoridade do educador e as competências do professor não são a mesma coisa. Ainda que não haja autoridade sem uma certa competência, esta, por mais elevada que seja, não poderá jamais, por si só, engendrar a autoridade. A competência do professor consiste em conhecer o mundo e em ser capaz de transmitir esse conhecimento aos outros. Mas a sua autoridade funda-se no seu papel de responsável pelo mundo. Face à criança, é um pouco como se ele fosse um representante dos habitantes adultos.

A autoridade do adulto no vínculo da aprendizagem da criança advém da responsabilidade do adulto para com a representação do mundo onde a criança se está a enraizar, bem como, a responsabilidade do adulto na mediação entre a criança e o mundo.

Conclusão

Faz da tua obra um livro, vem primeiramente homenagear o livro fazendo dele uma obra de arte, bem como, reconstruir a escrita e reforçar conteúdos do ensino curricular. Consiste num projeto que se propõe à prática da metodologia High-Scope, reconhecendo que o “poder para aprender reside na criança, justificando deste modo o foco nas práticas de aprendizagem através da ação” (Weikart, 1995:1). Através da aprendizagem pela ação — viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significado através da prática e da reflexão — as crianças constroem conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo. O projeto desenvolvido pretendeu desbloquear a página em branco na vertente da escrita e do desenho. Conteúdos de cariz científico, bem como artístico, através do exercício de reprodução de órgãos do corpo humano no formato tridimensional com preocupações da analogia ao nível da forma, textura e de escala.

Por fim, a prática da aprendizagem pela ação promove estratégias de interação positivas e fazem um reforço positivo constante no crescimento do aprendiz. Está centrado na riqueza e no talento da criança, estabelecendo com elas relações verdadeiras, apoiando as suas brincadeiras e encorajando a criança na resolução dos seus problemas no decorrer do seu crescimento. Pretende proporcionar um ambiente seguro onde a criança se possa expressar com liberdade e confiança os seus pensamentos e sentimentos (Weikart, 1995). O projeto *Faz da tua obra um livro* posto em prática por uma metodologia assente na aprendizagem ativa, propõe a o encorajamento da escrita de autor, bem como, os elementos formais aprendidos na unidade didática Português, encarando uma atividade jogo como ponto de partida integrando-o com o currículo estético e artístico de expressão plástica e musical na criação do livro.

No entanto, apoiada pela tese sobre a *Crise na Educação* de Hannah Arendth, o adulto neste processo de aprendizagem é o interlocutor principal do ensino e da aprendizagem da criança, conduzindo-a pelo caminho da descoberta do seu mundo interior e do mundo exterior. Nesta mediação o adulto terá que estar vinculado com a aprendizagem da criança salvaguardando a supervisão das suas tomadas de decisão (da criança) em prol do seu desenvolvimento pleno, bem como, ser responsável na representação do mundo exterior. Fazendo valer a sua autoridade nessa representação e na mediação do mundo exterior e da ação da criança nele.

Referências

- Arendt, Hannah (2006) *Entre o Passado e o Futuro* — Oito exercícios sobre o pensamento político. Lisboa: Relógio de Água. ISBN: 9789727088706
- Hohmann, Mary; Weikart, P, David (2007) *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN: 978-972-31-0797-5
- Munari, Bruno (1981) *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70. ISBN: 9789724413631
- Rodari, Gianni (1997) *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Editorial Caminho. ISBN: 9789722108461